

DOSSIÊ

IMPrensa GAY NO BRASIL:

um olhar jornalístico e militante sobre a realidade homossexual nas décadas de 70 e 80



CARLOS HUMBERTO FERREIRA SILVA JÚNIOR

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru – São Paulo – Brasil

ORCID: 0000-0003-0799-4370

DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1622

Recebido em: 03/04/2023

Desk Review em: 05/05/2023

Editor de Desk Review: Laura Storch

Revisado em: 27/08/2023

Revisado em: 16/09/2023

Aprovado em: 19/09/2023

Como citar este artigo: Silva Júnior, C. H. F. (2023). GAY PRESS IN BRAZIL: a journalistic and militant look at homosexual reality in the 70s and 80s. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1622. <https://doi.org/10.25200/BJR.v19n3.2023.1622>

RESUMO – Este artigo aborda como a militância do movimento homossexual e a prática jornalística por alguns agentes foram formadores de um fenômeno único na história do jornalismo brasileiro: a imprensa gay. Para isso, foi realizada uma comparação entre os assuntos tratados, assim como as abordagens, do jornal *Lampião da Esquina*, periódico gay que teve maior repercussão entre 1979 e 1981, e a *Folha de S.Paulo*. Trata-se de uma análise de conteúdo documental comparativa, embasada em pesquisa bibliográfica. Como resultado, foi possível identificar que além de inovador, o olhar militante frente a realidade foi essencial para a existência desta imprensa, fazendo com que seu enfoque se tornasse não apenas um elemento diferencial, mas sim, primordial, para que devidos assuntos fossem lançados à dimensão da esfera pública.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Imprensa gay. Militância. Homossexualidade.

GAY PRESS IN BRAZIL: a journalistic and militant look at the homosexual reality in the 70s and 80s

ABSTRACT – This article approaches how the militancy of the homosexual movement and the journalistic practice by some agents were responsible for a unique phenomenon in the history of Brazilian journalism: the gay press. For this, a comparison was made between the subjects treated, as well as the approaches, of the newspaper *Lampião da Esquina*, a gay periodical that had the greatest impact between 1979 and 1981, and *Folha de S.Paulo*. It is a comparative document analysis, based on bibliographical research. As a result, it was possible to identify that, in addition to being unprecedented, the militant look at reality was essential for the existence of this press, making its focus not only a differential element, but a primordial one, so that the appropriate subjects were launched to the dimension of the public sphere.

Key words: Communication. Journalism. Gay press. Militancy. Homosexuality.

PRENSA GAY EN BRASIL: una mirada periodística y militante sobre la realidad homosexual en los años 70 y 80

RESUMEN – Este artículo aborda cómo la militancia del movimiento homosexual y la práctica periodística de algunos agentes fueron responsables de un fenómeno único en la historia del periodismo brasileño: la prensa gay. Para esto, se hizo una comparación entre los temas tratados, así como los enfoques, del diario *Lampião da Esquina*, periódico gay de mayor impacto entre 1979 y 1981, y *Folha de S.Paulo*. Se trata de un análisis documental comparativo, basado en una investigación bibliográfica. Como resultado, fue posible identificar que, además de ser inédita, la mirada militante de la realidad fue fundamental para la existencia de esta prensa, haciendo de su enfoque no sólo un elemento diferencial, sino primordial, para que las cuestiones debidas pudieran ser lanzadas a la dimensión de la esfera pública.

Palabras clave: Comunicación. Periodismo. Prensa gay. Militancia. Homosexualidad.

1 Introdução

O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), nome inicial daquele que hoje conhecemos como LGBTQIAPN+, teve sua organização formal a partir do final da década de 1970 no Brasil e, com ele, uma série de publicações relacionadas à realidade do homossexual brasileiro passaram a existir¹. Essa movimentação é advinda de uma protoimprensa atrelada mais a vida cotidiana e a homossexualidade da década de 1960, nas quais grupos diversos se reuniam e realizavam atividades de convivência em comum, sem necessariamente estarem presentes em uma ampla discussão no âmbito da esfera pública (Silva Jr., 2022, p. 3). A discussão pública sobre a questão da homossexualidade trouxe contornos até então

inexistentes na esfera pública, já que partia do princípio de que, assim como os demais seres humanos, os homossexuais são pessoas com direitos, em especial o direito ao prazer e dignos de ter uma vida afetiva em sua plenitude (Colaço, 2022, p. 4).

Antes desse posicionamento, e durante a publicação de diversos jornais ligados à causa homossexual, existiram relatos na imprensa, em especial na sensacionalista, que apontavam os gays como criminosos e perigosos. Como exemplo, temos o periódico Notícias Populares, que trazia em suas manchetes títulos como “Homossexuais sequestram dois irmãos em SP”, “Dois casamentos de homossexuais revoltam o povo” e “Lésbica matou Dulcinéia que lhe negou amor” (Francischelli et al., 2016).

Para compreender as efetivas contribuições do processo que mescla jornalismo e militância durante este período ao jornalismo brasileiro, se estas existiram, buscamos analisar algumas edições do jornal Lâmpião da Esquina, comparando suas pautas e abordagens com o jornal Folha de S.Paulo. O objetivo é verificar se os periódicos pautavam os mesmos assuntos e se, caso fizessem, tinham uma abordagem semelhante.

Porém, antes de iniciarmos o artigo se faz necessário um esclarecimento sobre o termo “imprensa gay”. O termo imprensa gay, ou imprensa homossexual, de caráter identitário, é utilizado amplamente na literatura corrente sobre o tema. Ademais da corrente utilização, trata-se da forma como os próprios integrantes do Lâmpião da Esquina intitulavam o periódico. De acordo com João Silvério Trevisan, no documentário Lâmpião da Esquina, tratava-se de “um jornal feito por viados, e para viados” (Francischelli et al., 2016).

O caráter identitário desta imprensa teve uma importante questão na formação não apenas do periódico, mas do movimento organizado à época, intitulado Movimento Homossexual Brasileiro. Vale ressaltar que, a própria concepção de homossexualidade, ou identidade gay, passaram por um processo de criação, muitas vezes não sendo assimiladas pelos próprios sujeitos da época. Não são raros os relatos nos quais militantes se mostravam indecisos frente a sua identidade, colocando a militância política como prioridade à sua sexualidade, como foi o caso de Hebert Daniel, relatado no livro *Revolucionário e Gay*, de James Green (Green, 2018). Outro exemplo é relatado também por João Silvério Trevisan em *Devassos no Paraíso*, que em 1976, na busca de uma primeira articulação de um grupo gay, encontrou diversas dificuldades justamente com relação à identificação dos integrantes com sua identidade homossexual (Trevisan, 2018).

Portanto, quando nos referimos ao *Lampião da Esquina* e a diversos periódicos desta época, não estamos falando de jornais ou revistas de “homens que transavam com outros homens”, neste caso, estaríamos sendo anacrônicos e correndo o risco de não honrar a própria luta desses indivíduos em seus processos subjetivos de construção de identidades e masculinidades.

A transformação do termo *gay* em identidade de orgulho foi um elemento de luta não só no Brasil, mas em todo o mundo, como afirmado por Foucault (2004). O objetivo daquele movimento era descobrir uma forma de sermos gays, sem nos contentarmos com o ideal homossexual que havia até então sido imposto pelo dispositivo da sexualidade.

Por fim, acreditamos que a construção de uma identidade, como era desejada pelos integrantes de *Lampião da Esquina* ao que consta em toda sua existência e literatura, a nosso ver, confere mais direitos aos indivíduos que a pleiteiam já que esta identidade é um composto que confere humanidade e não reduz os sujeitos às suas práticas sexuais, é um modo de experienciar o mundo.

Com isso, com objetivo de não sermos anacrônicos, pelo fato de ser um termo vigente na literatura atual, em respeito aos que lutaram pelo estabelecimento de uma identidade até então inexistente: a *gay*, optamos por utilizar o termo, caracterizando esta imprensa como identitária e como tal revolucionária.

Este trabalho está dividido em três partes, na primeira abordamos o conceito de imprensa *gay*, fazendo um breve histórico e demonstrando como a militância e o MHB deu novas configurações a estes periódicos; no segundo momento abordamos os processos metodológicos, assim como a apresentação dos dados coletados; por fim, na terceira e última parte, apresentamos a análise comparativa entre os veículos *Lampião da Esquina* e *Folha de S.Paulo*.

2 O desenrolar de uma imprensa gay militante

O início da imprensa *gay* no Brasil se deu maneira mais informal e relacionada a homosocialidade do que aquela com interesse de transformar a realidade política e social do país. Ainda na década de 1960, diversos grupos homossexuais, conhecidos como turmas, se reuniam e editavam publicações de caráter artesanal (Howes, 2015).

Essa protoimprensa² existiu de 1963 até 1970, tendo como característica seu aspecto artesanal, muitos dos veículos eram

mimeografados, copiados a mão e reproduzidos em folhas sulfite A4, ou até mesmo recortados e colados. Além disso, tinham como característica a circulação interna, dentro dos grupos, no máximo, alcançando outras turmas com objetivos semelhantes de sociabilidade (Silva Jr., 2022).

Vale ressaltar que apesar de não ser uma imprensa militante, essa protoimprensa gay tinha seus objetivos e interesses, promovia uma vivência para além dos encontros e festas, sem contar que alguns desses periódicos como O Snob, que teve a vida mais longa entre esse tipo de produção, promoveu discussões interessantes, como o papel da “bicha”, do “bofe” e do “entendido”, estereótipos que àquela época eram utilizados como caracterizadores do mundo homossexual.

Ao todo existiram durante a década de 1960, 37 periódicos deste tipo. Sendo eles geralmente mimetizadores do formato coluna de mexericos, ou coluna social, definidos por Marques de Melo (2003, p. 141) como aqueles conteúdos aos quais a vida da burguesia era o centro das atenções. Neste caso, ao invés da vida burguesa, os grupos traziam informações e mexericos sobre os diferentes integrantes de suas turmas, ou de turmas rivais, destacando comportamentos positivos ou negativos frente a conduta exercida por cada um dos grupos.

Apesar de sua importância, esses periódicos não podem, a priori, serem vistos como militantes, já que o movimento organizado não existia no país e a atividade dessas turmas não tinha um caráter público e estritamente político em sua relação com o mundo. Isto está longe de dizer que não faziam política, pelo contrário, a organização e existência destes grupos demonstra uma vivência política da realidade, lembrando que essas publicações existiram em plena ditadura militar. Porém, a organização política e seus periódicos vieram a surgir no Brasil um pouco mais tarde, especificamente na década de 1970.

Após esse período de socialização, teremos, a partir de 1976, a publicação de outros periódicos com características mais marcadamente políticas. O Boletim da Aliança de Ativistas Homossexuais, foi um exemplo deste novo tipo de periódico. O boletim, realizado por Frederico Jorge Dantas, circulou entre os anos 1976 e 1977. Trata-se de uma publicação datilografada de capa simples que contém apenas o título do boletim, assim como seu número e ano. Em seu primeiro número, o boletim se apresenta como um movimento de esclarecimento, conforme segue:

Nós nos propusemos a iniciar uma caminhada da qual você também é participante. Iniciamos um Movimento de esclarecimento que tem como meta o melhor entendimento e aproveitamento de todo este manancial de forças positivas, até agora mal distribuídas entre as várias classes de homossexuais. Se conseguirmos canalizar todo o esforço existente voltado no sentido de um compromisso maior e mais responsável para com a sociedade, acreditamos já ser isto de grande importância à nossa causa, especialmente na luta pelos direitos civis em que estão empenhados não somente os homossexuais brasileiros, mas de maneira ainda mais atuante, os homossexuais de todos os países onde a consciência humana já tem maior abertura, mais maturidade cultural e psicológica, como também maior desenvolvimento.³

Na primeira edição, além do editorial citado, o boletim traz uma série de informações sobre o movimento gay estadunidense, como passeatas e eventos, assim como discussões e comentários sobre a questão dos direitos civis, sempre tendo como referência o movimento dos Estados Unidos, além de um trecho de poema de Oscar Wilde. Todo conteúdo está distribuído em nove páginas, sem imagens. A mesma lógica segue as duas outras edições as quais foi obtido acesso para essa pesquisa, os números três e quatro. Com uma capa um pouco mais artística, sem imagens.

Afastando a ideia de uma evolução cronológica da imprensa gay latino-americana, é importante ressaltar que as publicações de caráter mais ligado ao entretenimento, sem necessariamente estarem ligadas a movimentos políticos, continuam existindo. Esse é o caso de outro periódico que surgiu em 1976, no Brasil, o jornal *Gente Gay*, feito por Agildo Guimarães, o mesmo criador de *O Snob*, e que foi distribuído no Rio de Janeiro. Com uma diagramação simples datilografada, trazia colagens de imagens e textos, e tratava não apenas das notícias de fora do país, mas também do que acontecia no Rio de Janeiro. O jornal, feito em folha sulfite A4, também tinha uma seção de “Cartas do Leitor”. Além de colunas, dispunha aos leitores poemas, contos, entrevistas, dicas de espaços de confraternização gays e notícias diversas. O jornal durou até pelo menos 1978.

A partir de 1978, começam a aparecer jornais mais profissionalizados, com diagramações mais sofisticadas, utilização de fotos, entre outros elementos gráficos que valorizavam o conteúdo jornalístico. No Brasil, o advento da imprensa alternativa facilitará essa produção mais sofisticada. Em São Paulo, entre 1977 e 1978, os jornais *Entender*, *Mundo Gay* e *Jornal do Gay* passam a existir com uma circulação variável. Publicações que tinham em seu conteúdo reivindicações políticas, ao mesmo tempo em que abordavam temas

culturais. Esse perfil passará a ser o mais visto a partir de então no país, tendo como exemplo maior o jornal *Lampião da Esquina*, criado em 1978 e que circulou até 1981.

Há uma vasta literatura sobre o jornal *Lampião da Esquina* (Ferreira, 2010; Gonçalves, 2010; Peret, 2012; Rodrigues, 2012; Feitosa, 2014; Lima, 2017; Fujikawa et al., 2018; Simionato, 2018, 2021; Silva Jr., 2019; Quinalha, 2021; Pires, 2022), inclusive em material audiovisual, como o documentário de 2016 dirigido por Lívia Perez e codirigido por Noel Carvalho, que traz informações sobre a dinâmica de produção da publicação, assim como sua repercussão na esfera pública. O periódico foi o primeiro nanico a cores (apenas algumas páginas) no Brasil e trazia um trabalho jornalístico mais definido e apurado em seus conteúdos.

Sob a tutela de Aguinaldo Silva, jornalista e dramaturgo, tinha como principal objetivo ser “de fato um jornal” (Francischelli et al., 2016), preocupando-se com as pautas que eram abordadas, assim como a forma dos textos. Diversas editorias se destacaram em *Lampião da Esquina*, entre elas *Carta dos Leitores*, um espaço de intenso debate e busca por parceiros, assim como as entrevistas, sempre trazendo personalidades para abordar o tema da homossexualidade e dos direitos gays. Outra editoria que trazia entretenimento era a coluna *Bixórdia*, um espaço no qual as fofocas e amenidades presentes nos jornais da protoimprensa se faziam presentes.

O período no qual o *Lampião* foi editado ficou conhecido no Brasil como abertura política, uma vez que o regime militar, instalado em 1964, perdia forças graças à militância popular e ao afrouxamento de regras por conta dos diversos desgastes que a ditadura enfrentava após o ilusório milagre econômico.

Esse período é marcado também pelo processo de repatriamento de indivíduos que antes foram exilados por conta de suas posições contra o regime ditatorial, ou que optaram por viver no exterior por conta das diversas repressões presenciadas na realidade brasileira. Isso faz com que uma nova visão política chegue às militâncias brasileiras, assim como novos assuntos que antes não eram abordados pela política tradicional, alimentada principalmente pelos ideais marxistas:

Na busca de soluções para suas próprias contradições, estudantes e intelectuais voltavam suas preocupações para questões como o corpo, o erotismo, a subversão de valores e comportamentos. (...) Entre esses setores começava a se formar cada vez mais nítido um desinteresse pela política como ela vinha sendo

entendida até então. A teoria e a prática das esquerdas eram questionadas, sendo apontado seu conservadorismo cultural, refletido na sua dificuldade em inovar nas áreas das artes e dos costumes. O marxismo ficava estigmatizado como “caretece” e difundia-se uma nova noção – não existiria a possibilidade de uma revolução ou transformação social sem que ocorresse também uma revolução ou transformação individual. (MacRae, 2018, p.20-21).

João Silvério Trevisan foi um dos articuladores dessa nova perspectiva ligada à renovação dos costumes, que tentou em 1976 a organização de um grupo para estudos ligados à homossexualidade, agrupamento que apesar de sua curta duração, pode ser considerado um dos embriões do movimento da liberação homossexual no Brasil. O autor relata as dificuldades desse primeiro momento, por conta dos questionamentos internos dos próprios participantes, e antecipa uma disputa que mais tarde seria a principal causa do esfacelamento do Somos, primeiro grupo gay do Brasil: a exigência do alinhamento na militância política ligada à “grande luta” pela redemocratização do país, ou a independência da causa gay frente aos interesses militantes e partidários da época, questionamentos esses que eram internalizados pelos homossexuais que acabavam por se denominarem “anormais”

Houve tentativa de estudar alguns textos. Mas os participantes, muito reticentes ante a experiência, estavam paralisados por sentimentos de culpa relacionados às suas convicções ideológicas – mesmo quando tivessem sofrido humilhações por parte de seus companheiros de partido, pelo fato de serem homossexuais. A grande pergunta que se faziam ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? Sem uma resposta clara, qualquer movimento ficava empacado nessa questão. Como se não bastasse, 70% do grupo admitia francamente se achar anormal por causa de sua homossexualidade. (Trevisan, 2018, p. 315).

Esse tipo de organização, que passava da convivência para a problematização da causa e do contexto gay no país, se tornou então uma realidade concreta de algumas elites intelectuais e Lamião da Esquina está diretamente ligado a esse movimento. Diversos estudos tratam da importância do Lamião da Esquina como primeiro periódico a abordar as questões das “minorias sociais”, como uma publicação estruturada e de circulação nacional, produzida por profissionais da área da comunicação e diversos outros setores da cultura, assumidamente gays e que tinham como

objetivo retirar os homossexuais da clandestinidade que lhes era imposta e internalizada.

Um ponto relevante a se destacar atrelado a esse protagonismo de Lampião da Esquina é que, quase concomitantemente ao surgimento de Lampião da Esquina, foi criado o Grupo Somos, considerado o primeiro grupo do movimento homossexual brasileiro, agrupamento tido como marco na luta pelos direitos LGBTQIAPN+ e encabeçado por membros que faziam parte do periódico.

Criado oficialmente em 1978, na cidade de São Paulo, o grupo Somos foi a maior associação de gays dos anos 1970. Em um dos editoriais do Lampião da Esquina, intitulado “*Grupo SOMOS: uma experiência*”, foi aberto espaço para que o próprio grupo expusesse suas ideias. Neste editorial, podemos perceber as dificuldades encontradas no início da organização do grupo e como os problemas pessoais enfrentados pelos próprios integrantes afetavam as questões centrais do grupo, colocando o “ser homossexual” à frente de qualquer outra questão abordada pelo movimento homossexual àquela época:

Tivemos uma existência quase clandestina e muito conturbada. Imaginem um bando de pessoas frequentemente com problemas básicos de aceitação pessoal, tentando encontrar um ponto em comum para iniciar um diálogo sobre si mesmas. Tudo bastante dilacerado, de um lado. Muita dúvida, porque tudo era novo. E em uma extrema oscilação de gente entrando e saindo. Muitos vinham para espiar. Se decepcionavam. Criticavam nossa falta de objetivos, de organização. De fato, não tínhamos nada pronto, nada concreto para mudar o mundo. (...) Já nos disseram que o SOMOS só tem problemas a contar. Até certo ponto é verdade. Mas nós descobrimos coisas importantes, graças aos problemas. Por ex., descobrimos que temos dificuldade em falar de nós mesmos, enquanto indivíduos. As pessoas em geral, alimentam uma ideia mistificada de coletividade, comunidade, conjunto: e esquecem que cada um forma a base do todo. (Grupo, 1979, pp. 2-3).

Assim se caracteriza, portanto, esta imprensa, demonstrando que além da necessidade da sociabilidade era importante que os grupos homossexuais reivindicassem seus direitos. Esse posicionamento politizado fará parte de diversos periódicos e grupos que passaram a existir na época. Podemos citar como exemplo: Jornal Gay Internacional (Rio de Janeiro), O Corpo (São Paulo), Boletim do Grupo Gay da Bahia (Salvador), Facção Homossexual da Convergência Socialista (São Paulo), Manga Preta (Brasília), Dialogay (Sergipe), Triângulo Rosa (Belo Horizonte), entre outros³.

3 Sobre os processos metodológicos e dados deste trabalho

Para este artigo, e a fim de compreender como esse jornalismo militante trouxe um efeito único e particular à imprensa brasileira, optamos por analisar as pautas difundidas no periódico *Lampião da Esquina* e compará-las com a abordagem da *Folha de S.Paulo*. A escolha pelo jornal *Folha de S.Paulo*, além de sua relevância atual, se dá pela praticidade da recuperação das informações em seu acervo digital. Para isso, observamos algumas características dos periódicos para que a análise não demonstrasse desvios por conta desta natureza. Trata-se de uma análise de conteúdo baseada nos princípios indicados por Bardin (2016), no qual realizamos a escolha do material, leitura flutuante, codificação, decodificação e inferências. Sendo que em nosso processo as inferenciais condizem com o processo de comparação entre os conteúdos identificados.

O jornal *Lampião da Esquina* circulou entre os anos de 1979 e 1981, em formato tabloide e com periodicidade mensal. Enquanto a *Folha de S.Paulo*, como se sabe, é um jornal diário que circula no país desde 1921, ainda com a nomenclatura de *Folha da Noite* e sendo um jornal vespertino. Se tornou o maior jornal em circulação no país a partir de 1986, mantendo essa posição até o ano de 2021.

Devido a essas diferentes naturezas e com intuito de evidenciar o papel militante, construímos uma amostra por conveniência a partir do periódico *Lampião da Esquina*⁴, selecionando quatro edições do periódico, uma de cada ano de sua circulação. Assim, foram escolhidas as seguintes edições: nº 2 (junho de 1980), nº 16 (setembro de 1979), nº 20 (janeiro de 1980) e nº 35 (abril de 1981). Dessas publicações, nos concentramos nas manchetes apresentadas como centrais da edição e ligadas aos temas da homossexualidade. Com isso, temos a seguinte tabela, com o título, edição, data e resumo do que é tratado em cada uma delas (tabela 1).

Tabela 1*Manchetes do Lâmpião da Esquina*

Manchete	Edição	Data	Resumo
<i>Sou tarado (Lennie Dale confessa, sob protestos gerais)</i>	2	Jun-Jul, 1978	Entrevista com o coreógrafo Lennie Dale e sua experiência homossexual
<i>Homossexuais se organizam</i>	16	Set, 1979	Entrevista com membros do grupo Somos sobre a organização do Movimento Homossexual Brasileiro.
<i>Altos papos sobre travestis</i>	16	Set, 1979	Trata de duas matérias, a primeira sobre o papel de Anselmo Vasconcelos, no filme “ <i>República dos Assassinos</i> ” e do documentário “ <i>Daniele, Carnaval e Cinzas</i> ” que aborda a vida da travesti Daniele.
<i>Minas elege a sua “Miss Gay”</i>	16	Set, 1979	Fala de evento que elegeu, na cidade de Juiz de Fora, o Miss Gay.
<i>Chantagem no banheiro da Central</i>	16	Set, 1979	Traz o relato de um homossexual preso e subornado para não ser indiciado em processo por estar em um banheiro público.
<i>Aconteceu no Rio: Encontro Nacional do Povo Gay</i>	20	Jan, 1980	Trata do Primeiro Encontro de Homossexuais Militantes, realizado no Rio de Janeiro
<i>As confissões de um michê</i>	20	Jan, 1980	Entrevista com um michê.
<i>A bicha que virou mulher: com uma discussão sobre transexualismo</i>	35	Abr, 1981	Entrevista com Claudie, uma mulher trans. Conversa aborda sua vida de maneira geral.
<i>Lésbicas tascam o MR-8</i>	35	Abr, 1981	Trata do 2º Congresso da Mulher Paulista e dos embates dos grupos lésbicos e o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro)

Após a identificação destes conteúdos, para selecionar os materiais na Folha de S.Paulo que pudessem ter relação com os assuntos tratados, foi realizada uma pesquisa por meio de indicadores (palavras-chaves) no Acervo Folha, durante o respectivo período de circulação das edições de Lâmpião. Com isso, foram buscados os seguintes termos, nas respectivas datas (tabela 2).

Tabela 2*Termos e resultados encontrados no jornal Folha de S.Paulo*

Termo	Data	Resultados encontrados
Lennie Dale	25 de junho a 25 de julho 1978	Nenhum resultado encontrado
Homossexuais	1 a 30 de setembro de 1979	10 resultados encontrados
Travestis	1 a 30 de setembro de 1979	4 resultados encontrados
Miss Gay	1 a 30 de setembro de 1979	Nenhum resultado encontrado
"banheiro da Central"	1 a 30 de setembro de 1979	Nenhum resultado encontrado
Encontro Nacional Gay	1 a 31 de janeiro de 1980	Nenhum resultado encontrado
Michê	1 a 31 de janeiro de 1980	Nenhum resultado encontrado
Transexualismo	1 a 30 de abril de 1981	Nenhum resultado encontrado
Lésbicas	1 a 30 de abril de 1981	2 resultados encontrados

Destes resultados, vale ressaltar os temas que nem ao menos foram abordados pela Folha de S.Paulo e colocados como destaque em *Lampião da Esquina*. Nenhuma menção ao coreógrafo Lennie Dale, seja sobre sua homossexualidade, ou obra; nenhuma notícia sobre o evento Miss Gay, ocorrido na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais; também não houve abordagem sobre a perseguição de homossexuais e suborno por parte de policiais nos banheiros públicos da estação Central, no Rio de Janeiro; não houve menções aos termos transexualismo e michê em nenhuma das matérias de Folha de S.Paulo; e o mais evidente, não houve cobertura do periódico nacional sobre o Encontro Nacional Gay, ocorrido em 1980.

A partir desses dados, e da notável omissão da Folha de S.Paulo, é possível verificar que o olhar militante de *Lampião da Esquina* serviu para pautar assuntos diversos relacionados à homossexualidade que não estavam presentes no dia a dia do noticiário, ao menos nas páginas do jornal paulista. Porém, a análise comparativa entre as pautas e abordagens do conteúdo demonstram como esse enfoque militante se diferencia ainda mais daquele tido como tradicional.

Dos resultados encontrados, é possível identificar apenas três matérias específicas sobre a temática da homossexualidade, uma sobre o movimento organizado homossexual, intitulada “*Gay com orgulho*”; uma segunda: “*Um torneio esportivo homossexual nos EUA*”; e por fim, “*Homossexualismo, um drama entre a farsa e a realidade*” que aborda diferentes peças teatrais ligadas à homossexualidade, as demais trazem apenas breves citações, conforme é possível constatar (tabela 3).

Tabela 3

Resultados Folha de S.Paulo por palavras-chave

Manchete	Data	Palavras-chave	Resumo
<i>Nem só de milagre vive o brasileiro</i>	30 setembro 1979	Homossexual	Trata de diversas questões relacionadas a liberdade, sobre a homossexualidade traz o seguinte trecho: “Também a discriminação contra o homossexual mudou um pouco, embora exista”.
<i>Gay com orgulho</i>	30 setembro 1979	Homossexual, Travestis	Reportagem que aborda diversos elementos da vida homossexual e o movimento organizado.
<i>Um torneio esportivo homossexual nos EUA</i>	23 setembro 1979	Homossexual	Aborda a atuação de dois times de homossexuais em competições de vôlei e futebol americano nos Estados Unidos.
<i>Um moralista que descobriu caminhos de liberdade</i>	23 setembro 1979	Homossexual	Matéria sobre o pensamento freudiano que cita: “Como um médico pode rejeitar um cliente homossexual, ou alguém que mantém relações extra-maritais, ou mesmo um criminoso?”
<i>A busca pelo prazer começa na infância</i>	23 de setembro 1979	Homossexual	Matéria sobre o pensamento freudiano que cita: “Outra coisa que Freud costumava dizer é que a existência dessas chamadas perturbações e perversões — desde que elas não provocassem mal-estar na própria pessoa — não deveria nem mesmo ser nem psicanalisada. Certa vez, ele escreveu uma carta a uma mãe muito aflita por ter um filho homossexual dizendo para ela nem se preocupar, pois, se o filho assumiu, se estava satisfeito, e aquilo fazia parte da vida dele, não havia motivos de preocupação.”

<i>A impunidade do FBI no caso Jean Seberg</i>	19 setembro 1979	Homossexual	Aborda um crime contra uma mulher que perde o filho por um rumor de cunho racista, que cita: "Ou seja, o FBI não difama mais inimigos do status quo a exemplo da solteirona e homossexual enrustido".
<i>O mito do sexo francês</i>	12 setembro 1979	Homossexual	Repercuta matéria da revista "F Magazine" que trata da vida sexual das francesas, que cita: "só 2 por cento das mulheres se consideravam homossexuais quando as estimativas psiquiátricas fornecem uma proporção duas ou três vezes superior".
<i>Comendador A. Alazão</i>	3 setembro 1979	Homossexual	Traz um relato de experiência em Lisboa, que cita: "Você não vê, por exemplo, mulher nem homossexual na rua. Sim, claro que tem; mas é tudo enrustido".
<i>A temporada</i>	3 setembro 1979	Homossexual	Aborda diversas obras de arte e cita: "Em cinema, há 'Luna' de Bertolucci, o tema é incesto (a mãe, Jill Clayburgh, masturba o filho em cena), que afinal deveria ter sido tratado há muito mais tempo e com naturalidade nas nossas artes representadas, pois permeia toda a literatura clássica, antes que a nossa absurda censura judaico-cristã se impusesse (o mesmo pode ser dito de homossexualismo)".
<i>Scilar e o anão eletrônico</i>	2 setembro 1979	Homossexual	Resenha do livro " <i>O anão no televisor</i> ", que cita: "(...)onde o relacionamento homossexual entre um solteirão e um hipotético anão que vive dentro do seu aparelho de TV a cores termina de forma inesperada e cruel".
<i>Adaptação sempre um problema</i>	16 abril 1981	Lésbicas	Trata dos desafios de adaptar uma obra literária à televisão, que cita: "Ninguém fala em sexo, Quando o tema é debatido, é sempre de forma velada, discreta, homossexuais e lésbicas sem levantar bandeira. Na moita. Tempo de virgens".
<i>Homossexualismo, um drama entre a farsa e a realidade</i>	11 abril 1981	Lésbicas	Trata das abordagens no teatro brasileiro que tratam da homossexualidade.
<i>Artes Plásticas</i>	15 setembro 1979	Travestis	Trata de exposição realizada por Alex Fleming que cita: "Os quadros mostram cenas do cotidiano como equilibristas de circos, velhos cidadãos japoneses do bairro da Liberdade, travestis e outros".

4 Análise comparativa entre pautas e abordagens

Quando observamos os resultados na Folha de S.Paulo, é possível compreender os dois principais lugares nos quais os homossexuais surgem; o primeiro mais evidente, porém, com menor ênfase e aprofundamento se trata no cenário psicológico. Como tema de fundo, é possível verificar, em reportagens e conteúdos que buscam abordar a psique, breves menções às questões homossexuais, lidas como exemplos do funcionamento da psique. O segundo é no campo das artes, também são destacadas obras, peças teatrais e exposições que têm como temática a homossexualidade, a lesbianidade e a questão das pessoas trans, retratadas na figura da travesti.

Esse enfoque buscado pela Folha de S.Paulo acaba por localizar os homossexuais dentro de um espectro específico, que é o do entretenimento e de sua possível diferenciação social por meio da psique inversa a heterossexual.

Os exemplos que fogem, em parte, a essa regra são as três reportagens que abordam a questão da homossexualidade em sua integralidade, e que se aproximam, de certa forma daquele jornalismo realizado pelo Lampião da Esquina.

O primeiro exemplo “*Gay com Orgulho*”, traz um panorama da luta política do MHB, porém, sempre relacionando-o com os aspectos de expressão cultural, abordando, por exemplo, o fenômeno da androgenia e das apresentações dos grupos Dzi Croquetes e Secos e Molhados. Aborda a existência de jornais gays, assim como de associações que lutam pelo direito ao prazer. Tanto a temática, quanto a abordagem oferecem uma visão humanizada da homossexualidade, principal objetivo do jornalismo realizado por Lampião e dos demais jornais da imprensa militante da época.

A reportagem conta com a entrevista de integrantes dos movimentos feministas, homossexuais e lésbicos. Figuras como Peter Fry, João Silvério Trevisan e Celso Curi, importantes ativistas do movimento, são entrevistadas como fontes de informação. Vale ressaltar que os três contribuem como autores nos jornais da imprensa gay brasileira da época.

Como diferencial, inclusive, ressalta a quantidade de publicações dedicadas a temática, assim como cita alguns dos grupos homossexuais que começavam a se organizar à época:

(...) na badalada rua Vieira de Carvalho, no centro da capital paulista, perto da praça da República, as bancas de jornais não têm mais pudor em anunciar publicações gays, além do *Lampião* (de 1978), o *Gay News*, *Jornal do Gay*, *Mundo Gay*, *Entender*, etc. Num dos últimos números do *Gay News*, por exemplo, o redator anunciava com uma ponta de orgulho que São Paulo — e aqui, a dúvida: São Paulo ou Rio? — pode ser considerada “aqui e no exterior, o Eldorado Gay da América Latina. Sua população é estimada em um milhão contando com 200 estabelecimentos exclusivamente gays”. Fora esse “oba-oba”, o que têm aparecido nesses últimos tempos são as organizações propriamente ditas, que querem discutir os problemas, as repressões, possíveis soluções de casos, etc. O grupo mais famoso ainda é o *Somos*, de São Paulo, (estão tentando lançá-lo no Rio); e ainda, o *Libertos*, de Guarulhos; o *Grupo de Atuação e Afirmação Gay*, de Duque de Caxias (RJ) “fora outros em Sorocaba, Belém, etc” — informa Trevisan.⁵

Já a reportagem “*Homossexualismo, um drama entre a farsa e a realidade*” traz abordagens sobre a questão da homossexualidade no teatro brasileiro, a preocupação com a mercantilização do tema e novamente oferece como fontes de informação (e opinião) os militantes do MHB, novamente, integrantes do Grupo *Somos* e do jornal *Lampião da Esquina*, demonstrando a capacidade do periódico como agenciador da temática homossexual na esfera pública, e sua repercussão e credibilidade, ao menos nos espaços do jornalismo tradicional.

A terceira e a última matéria que se dedica exclusivamente a questão homossexual na Folha de S.Paulo trata sobre o esporte praticado por gays, no voleibol masculino e no futebol americano, no qual foram organizados times específicos para competições locais, iniciativa da Universidade de Colorado. Trata-se de uma pequena nota, aparentemente advinda de agência internacional de notícias, já que possui como origem a cidade de Bulder, no Colorado. Além da informação da organização dos times, traz uma declaração do capitão da equipe de vôlei.

Vale ressaltar que dos treze resultados apresentados no jornal, ao menos 12, apesar de suas abordagens alocadas em espaços específicos (cultura e psicologia, como já demonstramos) traz uma perspectiva positiva do homossexual. O único exemplo negativo diz respeito a matéria “*A impunidade do FBI no caso Jean Seberg*”, que traz o estigma social do marginal e criminoso atrelado a figura do homossexual.

Apesar deste resultado positivo, começa aqui nossa comparação entre o jornalismo tradicional e o militante, realizado pelo *Lampião da Esquina*. O primeiro elemento que salta aos olhos é a diferença dos temas tratados, assim como a questão política mais presente no *Lampião*.

Enquanto na Folha de S.Paulo não é citada qualquer característica particular do MHB, o jornal gay dedica ao menos três matérias de destaque sobre a temática. A primeira “*Homossexuais se organizam*” oferece um panorama do desenvolvimento do Grupo Somos, por meio de entrevistas com seus organizadores; a segunda “*Aconteceu no Rio: Encontro Nacional do Povo Gay*” de maior relevância social e jornalística, diz respeito a um evento de caráter nacional, organizado por diversas associações e organizações do MHB, com presença de ao menos 60 representantes e realizado na PUC-RJ; a terceira a última matéria que aborda as questões políticas trata do embate entre os grupos lésbicos com o Movimento Revolucionário 8 de outubro, também em um evento de proporções noticiáveis, o 2º Encontro da Mulher Paulista.

Outro aspecto que surge no Lampião da Esquina e demonstra a profundidade na qual a figura homossexual era abordada são os diferentes relatos da vida dos entrevistados gueis, com ênfase em suas experiências pessoais e posições frente as dificuldades apresentadas por conta do preconceito ao qual eram submetidos à sociedade. A humanização da figura das pessoas trans, por meio do relato das travestis, em ao menos três reportagens são evidências desse olhar humanizado e multifacetado. Apesar das matérias relacionadas a manchete “*Altos papos sobre travestis*” estarem ligadas ao campo das artes, assim como na Folha de S.Paulo, é possível denotar o interesse pela humanização dessas figuras e não apenas sua delimitação ao espaço da atuação como um assunto ou tema, na entrevista concedida pelo diretor do documentário “*Daniele, Carnaval e Cinzas*”, José Augusto Iwersen, aponta:

Eu acho que qualquer pessoa lúcida é naturalmente despertada para este caso. E eu achei, também, que, pelo menos no Brasil, isto nunca havia sido abordado de uma maneira séria. O que eu queria mostrar, quando concebi o filme, era como é que Daniele existia como pessoa humana. Isso me preocupava mais do que o fato dele ser travesti. (Bueno, 1979, p.12).

O mesmo ocorre na reportagem “*A bicha que virou mulher: com uma discussão sobre transexualismo*” que traz um panorama geral sobre a vida de uma mulher trans, seu dia a dia e seu relacionamento estável com o marido, fugindo do lugar comum do estigma desta figura a marginalização e prostituição. A matéria “*As confissões de um michê*”, também oferece esse olhar humanizado para um garoto de programa, o interessante é que os próprios jornalistas abordam a questão da objetividade no texto sobre Rodrigo:

Rodrigo só difere dos demais michas num ponto – é na sua capacidade impressionante de teorizar em torno do que ele chama de “michetagem”, suas causas e consequências. Durante o nosso longo bate-papo, na sala – pomposamente chamada – de reuniões do LAMPIÃO, os entrevistadores (Adão Acosta e Aguinaldo Silva) procuraram evitar quaisquer sinais de reprovação ao comportamento do rapaz; apenas perguntaram e souberam ouvir; afinal, a objetividade pura e simples é o que se exige dos entrevistadores, não é? Assim o que está aí não é nossa opinião sobre os michês e o tipo de trabalho que eles escolheram, mas sim, a palavra de Rodrigo, puxada por nós. (Acosta & Silva, 1980, p. 11).

Essa fala sobre objetividade tem relação com o projeto de fazer Lampião da Esquina um “jornal e não uma brincadeira de bichinhas” (Francischelli et al., 2016), como afirma Aguinaldo Silva no documentário sobre o jornal. De fato, verificaremos diversos elementos jornalísticos bem trabalhados no periódico, como a definição bem estruturada dos formatos jornalísticos, periodicidade, editorias fixas, preocupação com a apuração e busca de pautas quentes e frias, assim como as cartas dos leitores. Apesar disso, não é possível classificar o Lampião como um jornal não militante, isso porque em seu próprio editorial de abertura, “*Saindo do Gueto*”, tinha claramente que: “(...) é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite (...)” (Saindo, 1978, p.2).

As abordagens sobre a violência sofrida pelos homossexuais também é pauta frequente no Lampião, desde sua primeira edição, aparecendo em nossa seleção de manchetes como “*Chantagem no banheiro da Central*” na qual um gay relata o abuso sofrido e a necessidade de pagar suborno a um policial que o levou detido a cadeia, na qual encontrou outras quatro pessoas na mesma situação que a sua.

Essa análise descritiva-comparativa foi realizada levando em consideração a leitura completa dos materiais jornalísticos encontrados. Ressaltamos neste artigo os seguimentos e trechos que evidenciam as abordagens, semelhanças e diferenciações em cada um dos veículos de comunicação. Sendo possível compreender não apenas as temáticas existentes em cada publicação, mas também a qualidade de seus conteúdos.

5 Conclusão

Foi possível identificar neste trabalho que, apesar de uma cobertura que tratasse em alguns momentos da questão homossexual, o jornalismo tido como tradicional da Folha de S.Paulo limitou os aspectos da vivência homossexual a alguns campos, em especial a cultura e a psicologia, sendo poucas as reportagens e matérias nas quais o homossexual fosse abordado em sua complexidade humana.

Já em *Lampião da Esquina* podemos ver um olhar mais abrangente e complexo da humanidade homossexual, a busca por seus direitos, sua atuação e organização política, além de diversos outros aspectos que envolvem a contribuição dos gays na sociedade brasileira da época.

Creditamos essa diferente perspectiva a sua visão militante da realidade, o periódico gay parte de uma realidade na qual o homossexual é um ser de direitos e deveres, como quaisquer outros e, com isso, seu papel social torna-se mais abrangente frente às diversas demandas. O olhar politizado trouxe para a esfera pública um outro tipo de visão sobre a homossexualidade e os integrantes do Movimento Homossexual Brasileiro, oferecendo uma discussão que não se encontrava presente na imprensa da época.

Ressaltamos que nos materiais encontrados na Folha de S.Paulo, os próprios integrantes do *Lampião da Esquina* são colocados como autoridades, sendo entrevistados como fontes de informação, assim como o próprio jornal *Lampião da Esquina* é citado nominalmente nas duas matérias em questão, o que denota certa credibilidade construída, ao menos, entre os jornalistas. Neste quesito vale ressaltar que as pessoas que realizavam outras atividades, como a da prostituição, não foram ouvidas pelo jornal Folha de S.Paulo, estando este espaço dedicado apenas aqueles tidos como militantes, o que denota um reconhecimento em partes de seus direitos, já que esta população vulnerável não teve seu direito de fala reconhecido pela publicação.

Essa prática pode estar associada aos silenciamentos realizados pela imprensa hegemônica e seu caráter de classe, já que reconhece em alguns indivíduos a humanidade, enquanto aos outros oferece apenas uma visibilidade, coisa que não ocorre na imprensa gay e no jornalismo alternativo, já que em *Lampião da Esquina*, por exemplo, é possível identificarmos capas e chamadas de matérias que priorizam justamente essas figuras marginalizadas.

Outro elemento que pode ser observado é do próprio estigma social relacionado à imagem do gay a época. Até então, eram comuns conteúdos relacionando a homossexualidade a criminalidade, como no caso célebre do jornal Notícias Populares, conteúdos estes que denotavam uma prática homofóbica presente nas redações jornalísticas. Os embates frequentes de Lampião com jornais, inclusive da imprensa nanica, como O Pasquim, demonstram que esta prática não estava limitada aos grandes veículos e sim a uma visão de mundo que permeava o fazer jornalístico de maneira geral.

Com isso, é importante demonstrar que o jornalismo militante neste contexto da imprensa gay das décadas de 1970 e 1980 se mostrou uma postura além de aceitável, mas necessária para que o assunto adentrasse, em sua complexidade, dentro das discussões da esfera pública, se mostrando um processo compatível com a prática jornalística, ao menos nesta situação. É importante valer-se que apesar do período analisado estar dentro do contexto da abertura política, dentro do regime militar, a autocensura foi um processo que levou certo tempo para que fosse superada pelos jornais da grade imprensa.

Com relação ao público e ao ativismo, as críticas favoráveis, assim como a duração do Lampião da Esquina, de 1978 a 1981 com 37 edições, fechando as portas por conta da inviabilidade econômica, como ocorria com a maioria desses periódicos, demonstra a aceitação a essa prática que mescla jornalismo e militância, inclusive respaldando as abordagens realizadas pelo veículo, como forma de conceder credibilidade aqueles que falam sobre uma temática com propriedade, mesmo que relacionados a uma causa específica.

Por fim, é possível afirmar que sem o olhar militante promovido pelo Movimento Homossexual Brasileiro, a participação de seus integrantes nos veículos de comunicação, em especial em nosso caso o Lampião da Esquina, e as discussões sobre pautas de organização e visão política sobre a questão gay da época, uma imprensa como essa não existiria, trazendo possivelmente maiores danos a essa população, deixando-a ainda mais marginalizada e segregada da vida pública e das discussões sociais.

NOTAS

- 1 Utilizaremos como sinônimo das palavras gay, guei, homossexual, já que estas eram utilizadas durante o período para se referir aos homens que se relacionavam amorosamente ou sexualmente com outros homens. Como não há consenso durante o período, buscaremos assim, não sermos anacrônicos, pois, se tratava de uma identidade em formação e, conseqüentemente, em disputa.
- 2 Em tese em desenvolvimento foram identificados 37 periódicos que contém características semelhantes e que podem ser classificados como uma protoimprensa, especialmente por três motivos: tinham circulação restrita aos integrantes destes grupos, no máximo circulando entre grupos rivais ou colegas, não atingindo assim a esfera pública como um todo; mimetizavam o formato de coluna de mexericos, ou coluna social, não existindo muitos outros formatos jornalísticos em suas páginas; e por fim, não é possível verificar uma preocupação com a questão dos processos jornalísticos, em especial a apuração dos fatos. Porém, longe do que é descrito na literatura vigente sobre o tema, passam longe de ser apenas alguns materiais sobre fofocas, sem nenhuma importância para a história da imprensa e da homosocialidade no Brasil.
- 3 Trecho retirado da primeira edição do periódico “Boletim da Aliança de Ativistas Homossexuais”. Este é o primeiro editorial da primeira edição, sua versão física e completa está disponível para consulta no Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil.
- 4 Na tese em desenvolvimento analisamos quatro edições de Lâmpião da Esquina, as mesmas utilizadas para este estudo, por este motivo utilizamo-nos do conceito da conveniência já que se trata de um material previamente selecionado a outro fim. O conteúdo foi selecionado devido a preparação prévia do material, necessária para o detalhamento de seu conteúdo na tese, e, portanto, já abordada pelo autor.
- 5 Trecho de reportagem publicada no jornal Folha de S. Paulo em 1979, está disponível na íntegra no Acervo Folha. Foi publicado em 30 de setembro de 1979 sob o título “Gay com Orgulho”.

REFERÊNCIAS

- Acosta, A., & Silva, A. (1980). Os clientes, as transas os babados: as confissões de um jovem michê. *Lampião da Esquina*, (20), 11–13.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bueno, W. (1979). Filme premiado mostra um dia na vida de uma boneca. *Lampião da Esquina*, (16), 12.
- Colaço, R. C. (2022). Mitos, categorias e cristais – revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. *Revista Brasileira de História*, 43(93), 265–286. DOI: 10.1590/1806-93472023v43n93-13
- Feitosa, R. A. de S. (2014). Linhas e Entrelinhas: homossexualidades, categorias políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira [dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC.
- Ferreira, C. (2010). Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. *Revista Alterjor*, 1(1), 1-13. Recuperado de www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88195
- Francischelli, G., Perez, L., & Carvalho, N. (Diretores). (2016). *Lampião da Esquina* [DVD]. Doctela.
- Foucault, M. (2004). Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Verve*, (5), 260-277. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/4995>
- Fujikawa, M., Sacht, L. E., Rosa, L. dos S., & Gouveia, A. H. G. (2018). “Mais tesão, menos encucação”: o Lampião da Esquina e a homossexualidade no final da ditadura. *Revista Cadernos de Clío*, 8(1), 116–141. DOI: 10.5380/clio.v8i1.54054.
- GAY com orgulho. (1979) . *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, 30 de setembro.
- Gonçalves, G. O. (2010). Voz da diversidade: os discursos da imprensa gay masculina no Brasil. *Revista Alterjor*, 2(2), 1–12. Recuperado de www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/124014
- Green, J. N. (2018). *Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbet Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Civilização Brasileira.
- Grupo Somos: uma experiência. (1979). *Lampião da Esquina*, (12), 02–03.
- Howes, R. (2015). Raising the Flag: The Early Years of the Lesbian, Gay, Bisexual, and Trans Press in Brazil, 1963-1981. *Studies in Latin*

American Popular Culture, 33, 179-198. DOI: 10.7560/SLAPC3312

Lima, M.A.A. (2017). Memória coletiva de dissidentes sexuais na ditadura militar brasileira: um estudo do lampião (1978-1981). *Anais do Seminário Fazendo Gênero 11*. Instituto de Estudos de Gênero. Recuperado de www.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares

MacRae, E. (2018). *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Edufba.

Marques de Melo, J. (2003) *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª edição revisada e ampliada. Ed. Mantiqueira

Peret, F. (2011) *Imprensa Gay no Brasil*. Publifolha.

Pires, E.N. (2022). *De esquina em esquina, o que se ilumina: o discurso de militância da homossexualidade no Lampião* [dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital UFRGS.

Quinalha, R. (2021). Lampião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964. *Cadernos Pagu*, (61), 1-17. DOI:10.1590/180944492021006100

Rodrigues, R. C. C. (2012). *De Daniel a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena* [dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. Repositório Institucional UFF.

Saindo do gueto. (1978). *Lampião da Esquina*, (0), 02.

Silva, JR. C.H.F. (2019). Libertação gay no Brasil: discursos e enfrentamentos do jornal Lampião da Esquina durante a abertura política (1978-1981). *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 42(2), 147-165. DOI: 10.1590/1809-5844201927.

Silva, JR. C.H.F. (2022). O Centauro e a protoimprensa gay brasileira: extensão das sociabilidades na década de 1960. *Anais do XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã*. Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã. Recuperado de <https://abpc.com.br/2022-universidade-estadual-de-londrina-uel/>

Simionato, G.D.F. (2018). Sob a luz do lampião: análise das cartas dos leitores e suas relações com o jornal Lampião da Esquina (1978-1981). *Anais do Seminário História & Democracia*. Unifesp, campus Guarulhos. Recuperado de www.encontro2018.sp.anpuh.org/site/anaiscomplementares

Simionato, G.D.F. (2021). À margem da luz do lampião: travestis, bonecas e bichas loucas no Lampião da Esquina (1978-1981). *Revista*

Angelus Novus, 12(17), 1-23. DOI: 10.11606/issn.2179-5487.v12i17p188267

Trevisan, J. S. (2018). *Devassos no paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (4ª ed.). Objetiva.

CARLOS HUMBERTO FERREIRA SILVA JÚNIOR.

Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Unesp-Bauru. Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCom) Gestão 2023-2025. E-mail: carlos.jr@unesp.br

Um dos pareceres utilizados na avaliação deste artigo pode ser acessado em <https://osf.io/qzxcf> | Seguindo a política de ciência aberta da BJR, os avaliadores autorizaram a publicação do parecer e a divulgação de seus nomes.